



XVII COLÓQUIO INTERNACIONAL DE GESTÃO UNIVERSITÁRIA

Universidade, desenvolvimento e futuro na Sociedade do Conhecimento

Mar del Plata – Argentina
22, 23 e 24 de novembro de 2017
ISBN: 978-85-68618-03-5



PERFIL DOS ESTUDANTES E CARACTERÍSTICAS DOS INTERCÂMBIOS REALIZADOS DE UM CURSO DE GRADUAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA: UM CASO DE INSTITUCIONALIZAÇÃO DA INTERNACIONALIZAÇÃO

Fernanda Silva Teodoro

festeodoro@hotmail.com

Universidade Federal de Santa Catarina

Julio Eduardo Ornelas Silva

julioornelas@yahoo.com.br

Universidade Federal de Santa Catarina

Pedro Antônio de Melo

pedro.inpeau@gmail.com

Universidade Federal de Santa Catarina

RESUMO

O artigo pretendeu identificar a institucionalização da internacionalização na Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, bem como conhecer o perfil dos estudantes intercambistas e as características dos intercâmbios realizados em um curso de graduação em administração da instituição. Sendo um estudo qualitativo, descritivo, estudo de caso único, com alguns resultados quantitativos, os dados foram coletados por meio de pesquisas documentais e aplicação de questionários online, cujos dados foram analisados de maneira interpretativista. Os resultados permitiram concluir que a institucionalização é expressa por meio do Plano de Desenvolvimento Institucional da UFSC, que estabelece algumas ações e objetivos, dentre as quais o intercâmbio, estabelecimentos de convênios, publicações internacionais e participação de sua comunidade em eventos estrangeiros. Os resultados indicaram também o perfil dos estudantes que realizaram intercâmbio, como gênero, renda, idade e início dos estudos na UFSC. Foi caracterizado o intermédio de realização dos intercâmbios, os períodos de realizações, tempo de duração e os países elegidos pelos acadêmicos.

Palavras-chave: Internacionalização. Gestão Universitária. Universidade. Intercâmbio.

1 INTRODUÇÃO

As instituições no atual contexto precisam de maior acesso à informação e inserção dos países na sociedade do conhecimento. A internacionalização deve ser voltada para atender as novas demandas decorrentes do mundo globalizado desde o final do século XX e que se tornam mais intensas na atualidade (CASTRO; CABRAL NETO, 2012).

Frente ao novo cenário mundial as instituições de educação superior têm como função promover e gerar conhecimento, e, dentro da internacionalização, propiciar aos estudantes a chance de realizar vivências internacionais para que esses possam gerar novos conhecimentos. Nesse panorama, as instituições sentem-se compelidas a realizar cooperação internacional, e reconhecem que por meio dela será propiciado o necessário para o ensino, pesquisa e extensão (STALLIVIERI, 2004). Desse modo, as instituições de educação superior vêm na internacionalização uma forma de diversificar interesses, habilidades, e aspirações dos estudantes (HOLM-NIELSEN, L. B., et al, 2009).

A internacionalização fornece um desafio e uma oportunidade por meio da individualidade de cada país, do sistema de educação, e até a instituição em si. É necessário realizar abordagens diferentes para diversas instituições de ensino superior que participam do processo de internacionalização (KNIGHT, 2005). O processo de internacionalização só ocorre se fizer parte da missão das instituições de educação superior, e supõe-se que ao se comprometer com a internacionalização, a universidade estará aceitando a diversidade cultural e a troca de conhecimentos. Todos os participantes devem estar comprometidos e envolvidos, considerando a disponibilidade de recursos monetários e humanos. Outro quesito que se deve ter são os objetivos explícitos e alinhados com as estratégias já definidas obedecendo ao calendário e os recursos previamente definidos. É necessário também que as diretrizes estejam direcionadas para o desenvolvimento e para mensurar as ações de cooperação (STALLIVIERI, 2004).

A internacionalização não é apenas a adaptação ao currículo da instituição hospedeira. Faz parte desse fenômeno o bem-estar dos indivíduos, de modo que haja adaptação cultural, de linguagem e etnias. Assim para a efetividade e sucesso da internacionalização todos os envolvidos no processo devem colaborar para que isso ocorra (NEVES; NORTE, 2011).

Considerando esse contexto, este artigo pretende verificar a institucionalização da internacionalização na Universidade Federal de Santa Catarina, bem como conhecer o perfil dos estudantes intercambistas e as características dos intercâmbios realizados de um curso de graduação em administração da instituição. O artigo está estruturado nesta introdução, seguido dos aspectos teóricos, aspectos metodológicos, resultados e conclusões.

2 ASPECTOS TEÓRICOS

2.1 A INTERNACIONALIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO SUPERIOR

O debate e exploração da relação entre internacionalização e globalização (KNIGHT, 2005) é constante, sendo que de acordo com Tanoue e Morilas (2013), a globalização é um fenômeno que ganha destaque nos últimos anos, e o fenômeno influencia nas esferas social, econômica, política e tecnológica. Atinge também as instituições de ensino superior, obrigando-as a se adaptar às novas demandas sociais e que as expressões globalização e internacionalização estão intimamente ligadas. Porém a globalização e a internacionalização são diferentes como apresentado que:

Globalização e internacionalização são relacionadas, mas não a mesma coisa. Globalização é o contexto das tendências econômicas e acadêmicas que são parte da realidade do século XXI. Internacionalização inclui a política e práticas realizadas por sistemas e instituições acadêmicas e até mesmo por indivíduos para lidar com o ambiente acadêmico globais. As motivações para a internacionalização incluem

vantagens comerciais, conhecimento, aquisição de línguas, enriquecimento de currículo com conteúdo internacional, entre outros. Iniciativas específicas, como campi, acordos de colaboração transfronteiriças, programas para estudantes internacionais, estabelecendo programas de inglês de nível médio e diplomas, e outras têm sido postas em prática como parte de internacionalização. Os esforços para monitorar iniciativas internacionais e assegurar a qualidade são essenciais para o ambiente do ensino superior internacional. (ALTBACH; KNIGHT, 2007, p. 290, tradução nossa).

De acordo com Knight (2005), a internacionalização pode ter diferentes significados para diferentes pessoas e assim usada em vários sentidos. Apesar do crescimento e atenção dada à internacionalização, ainda se confunde o que o termo realmente significa. Para alguns quer dizer atividades internacionais como mobilidade de estudantes e professores, parcerias e projetos intencionais, novos programas acadêmicos internacionais e iniciativas de pesquisa.

O termo internacionalização no ensino superior tem inúmeras definições; porém, na concepção desta pesquisa, a internacionalização, segue a mesma vertente que Knight (1997, p. 8): “Internacionalização da educação superior é um processo de integração nas dimensões internacional e intercultural no ensino, pesquisa e serviços funcionais da instituição.” Assim nesse conceito o processo de internacionalização é um processo dinâmico e não isolado, e ainda a interação é a chave quando se quer que a internacionalização seja o objetivo final de uma política ou programa e não somente mais um item dentro deles.

Assim, para que ocorra efetivamente a internacionalização interinstitucional existem algumas condições de acordo com Stallivieri (2004):

- a) Reconhecer que existem atores, protagonistas da cooperação;
- b) Os participantes devem estar envolvidos e comprometidos, levando em conta a disponibilidade de recursos humanos e financeiros;
- c) Os objetivos devem estar claramente definidos e coerentes com as estratégias de execução;
- d) Os projetos devem estar contidos no Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), das instituições de ensino, intensificando os benefícios e otimizando os níveis de desenvolvimento dos envolvidos;
- e) Devem ser traçadas atividades bem definidas, de modo a obedecer ao cronograma e orçamentos predefinidos;
- f) Estipular meios de mensurar o desenvolvimento e as ações realizadas.

Luna (2000) afirma que a entrada da universidade no cenário acadêmico internacional é a expressão maior de sua plenitude. De acordo com a autora (2000 p. 8), “A universidade é uma instituição de criação, divulgação, crítica e promoção dos conhecimentos, das culturas e do saber universal.”.

Então as Universidades devem proporcionar aos estudantes a oportunidade de se internacionalizar, por meio de programas de intercâmbios, e também propiciar que intercambistas venham para o campus de modo a proporcionar diversas oportunidades internacionais, sendo elas culturais, linguísticas e acadêmicas (SOUTO, 2004).

Assim é defendido que:

A efetividade em um projeto de intercâmbio significa mais que a adaptação ao currículo da instituição hospedeira. Ter comportamento efetivo em um intercâmbio é simplesmente viver feliz e confortável e ter sucesso acadêmico em uma nova forma de cultura. Simples o bastante – desde que competências que levem à efetividade e ao sucesso fluam, não somente do lado dos estudantes, mas de todos os envolvidos no processo (NEVES; NORTE, 2011, p. 4-5).

Com isso em mente, o processo de internacionalização não é orientado somente para uma mudança geográfica, mas também uma mudança para diferentes culturas, etnias e linguagem mesmo dentro de um mesmo país. (KNIGHT, 1997). E complementa citando que internacionalização gera desafios e oportunidades por meio da individualidade de cada país, do sistema de educação, e até a instituição de ensino. Desse modo são necessárias abordagens diferentes para diferentes instituições de ensino superior que farão parte do processo de internacionalização (KNIGHT, 2004).

Lima e Maranhão (2009) dizem que a internacionalização pode acontecer de duas formas. São elas a internacionalização ativa que tem por características a presença de políticas de Estado que tenham por objetivo a atração e acolhimento de estudantes assim como serviços acadêmicos internacionais.

Desse modo dentro da internacionalização existe um fenômeno chamado mobilidade acadêmica, conforme trabalhado na sequência.

2.2 MOBILIDADE ESTUDANTIL NA EDUCAÇÃO SUPERIOR

A mobilidade acadêmica na educação superior é um fenômeno que está inserido na internacionalização, sendo assim é crescente a tendência de programas de mobilidade de modo que ocorra a troca de informações entre diferentes comunidades acadêmicas.

A *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization* (UNESCO) (1998) fala sobre mobilidade:

[...] a mobilidade de estudantes entre instituições de diferentes nacionalidades é um aspecto da internacionalização crescente entre os países de todo tipo de relação e de populações. Os deslocamentos dos estudantes por meio das regiões e países são, em parte, um meio para que os jovens possam mostrar sua consciência crescente do mundo, assim como seu interesse em se preparar para viver em um mundo independente. Simultaneamente, os governos e os empregadores estão conscientes de que a futura população ativa deve compor-se de especialistas bem formados e atentos ao mundo, se o que se deseja é assegurar a prosperidade nos níveis, regional e individual (UNESCO, 1998).

Apesar da mobilidade estudantil não ser um fenômeno novo, atualmente está voltada para o processo de globalização e adaptada as novas tendências de internacionalização de ensino superior. A mobilidade no ensino superior engloba vários fatores e processos que são cotidianos das pessoas, incluindo, o sistema de transporte, a gestão desses espaços, as interações espaciais até as dinâmicas geográficas específicas. A mobilidade estudantil não é somente o movimento de deslocamento; engloba muito mais aspectos, pois é social e envolve estruturas, meios, culturas e significados (CASTRO; CABRAL NETO, 2012, p. 9).

Essa mobilidade estudantil pode ocorrer por meio do intercâmbio. Desse modo Dalmolin et al. (2013) argumentam que o intercâmbio é uma forma de troca de informações, crenças, culturas e conhecimentos. Assim, a vivência em outro país possibilita conhecer hábitos diferentes e específicos, proporciona novas perspectivas, auxilia na gestão de dificuldades. Assim o intercambista deve se adaptar ao ambiente, encarar desafios e principalmente crescimento e fortalecimento emocional.

Segundo a Universidade Tecnológica Federal do Paraná (2012), o intercâmbio é uma oportunidade de conhecer novas culturas, sistemas políticos, organizações sociais, aprender e aprimorar novo idioma. Ressalta-se a necessidade de investir na formação de pessoal imensamente qualificado nas competências e habilidades precisas para o avanço da sociedade do conhecimento; prosperar a presença de pesquisadores e estudantes de diversos níveis em instituições de excelência no exterior e promover a inserção internacional das instituições brasileiras pela abertura de oportunidades equivalentes para cientistas e estudantes estrangeiros.

Desse modo com a globalização a mobilidade estudantil cada vez mais se intensifica devido à valorização do conhecimento, integração das nações e divulgação de culturas por meio da internet. Com isso tem-se que:

A mobilidade de estudantes, professores e de gestores intensificam, com muita voracidade, os laços transnacionais, estabelecendo conexões e criando redes de saber universal. Essas redes aproximam as comunidades científicas de diferentes partes do planeta, reforçando a premissa de que é no seio da universidade que devem ocorrer os grandes avanços científicos e tecnológicos e a efetiva integração. Confere-se autoridade para tomada de decisões e ouve-se a comunidade científica universitária, pois está intrínseca na vida acadêmica a dimensão internacional que ela deve ter. A cooperação internacional passa a ser um objetivo comum das sociedades científicas mundiais, pois, por meio da internacionalização das instituições, assegura-se a qualidade e a eficácia na renovação e na socialização do conhecimento produzido (STALLIVIERI, 2002, p. 17).

Para corroborar com Stallivieri (2002), o autor Filipetti (2007) cita que a mobilidade internacional estudantil é almejada por todos, pois cria um grau de superioridade acadêmica e assim isso pode demonstrar em termos políticos, econômicos e culturais aos países acolhedores, de modo que contribui para:

- a) Dispor de uma diplomacia influente;
- b) Atrair os melhores estudantes estrangeiros no objetivo de construir uma vivência;
- c) Extrair dessas atividades benefícios econômicos;
- d) Beneficiar-se de mão de obra qualificada;
- e) Lutar contra a fuga de cérebros;
- f) Administrar a imigração não controlada.

De acordo com as UNESCO (2008), depois de 1999, houve 53% de aumento na mobilidade acadêmica, com crescimento médio de 5,5% ao ano. No ano de 2007, mais de 2,8 milhões de estudantes frequentavam cursos superiores no exterior e com isso houve aumento de 4,6% em relação ao ano anterior. Assim no de 2014, no mundo todo 4,5 milhões de estudantes estavam em mobilidade internacional, e espera-se que no ano de 2025 8 milhões de estudantes estejam realizando mobilidade acadêmica (INTERNATIONAL INSTITUTE OF EDUCATION, PROJECT ATLAS, 2015).

2.3 MOBILIDADE ESTUDANTIL NO BRASIL

A internacionalização no Brasil inicia com a criação da Universidade de São Paulo, que sempre foi uma instituição voltada para o mundo. No início havia um corpo docente formado por professores europeus e era frequentada por filhos de imigrantes europeus que haviam imigrado para o Brasil. Assim esses professores formavam uma rede de conhecimento cosmopolita (DOS SANTOS SILVA; LIMA; RIEGEL, 2013).

As universidades brasileiras têm papel bastante importante na mobilidade acadêmica nas instituições de ensino superior. No final dos anos 80 e início dos anos 90, são criados novos setores em diversas espécies de organização. Com isso várias Universidades brasileiras criaram esse tipo de setor, de modo a ter estrutura para cooperação direta, que até então era realizado somente por órgãos oficiais como o governo e seus ministérios (SIEBIGER, 2013).

Porém somente nas duas últimas décadas a internacionalização ganhou força para que a internacionalização fosse inserida nas academias de ensino superior. O processo de internacionalização no Brasil ocorre de diversas maneiras, com o esforço do governo e instituições (LAUS; MOROSINI, 2005).

Assim muitas instituições de ensino superior brasileiras também têm propósitos e objetivos voltados para a mobilidade estudantil, na maioria presa por acordos bilaterais com universidades estrangeiras (DOS SANTOS SILVA; LIMA; RIEGEL, 2013). É citado que:

A internacionalização das universidades é estratégica para a política governamental brasileira e o desenvolvimento científico e institucional universitário. Os interesses particulares de docentes e discentes também convergem para a busca de parcerias de mobilidade internacional: experiência cultural, proficiência em língua estrangeira, melhores chances no mundo produtivo, na carreira, melhores salários, formação de redes científicas e profissionais para o futuro, novos contatos, acesso a recursos e a equipamentos internacionais, a novos olhares, à cooperação na pesquisa, etc. (NEVES; NORTE, 2011, p. 4).

Os principais atores da internacionalização na educação superior no Brasil, por meio do Governo Federal, são o Ministério da Educação, o Ministério de Ciências, Tecnologia e o Ministério de Relações Exteriores e as Instituições de Ensino Superior. Cada um deles desempenha seu papel. O Ministério da Educação (MEC) é o principal ator do processo de internacionalização e é o agente regulador do processo; o Ministério de Ciências e Tecnologia é responsável por coordenar e desenvolver o complexo nacional de ciência, tecnologia e inovação e desenvolver políticas na área. Já o Ministério de Relações Exteriores atua em três áreas integradas. São elas: recebimento de cooperação técnicas, bilaterais e multilaterais; cooperação técnica entre países em desenvolvimento e cooperação técnica e científica (LAUS; MOROSINI, 2005).

Nesse sentido, Neves e Norte (2011) defendem que a produção científica no Brasil está crescendo em um ritmo quatro vezes maior que o da média mundial. No ano de 2009 o Brasil publicava 2% dos artigos científicos em revistas indexadas internacionalmente, ocupando o 15º lugar no ranking mundial. Esse panorama faz com que o Brasil busque parcerias acadêmicas internacionais. Deve-se buscar parcerias de mobilidade internacional, de modo que seja valorizada a pesquisa científica e tecnológica brasileiras, visando as diretrizes estabelecidas pela comunidade científica nacional em parceria com o governo e formas de cooperação em intercâmbios que venham a ser efetivas.

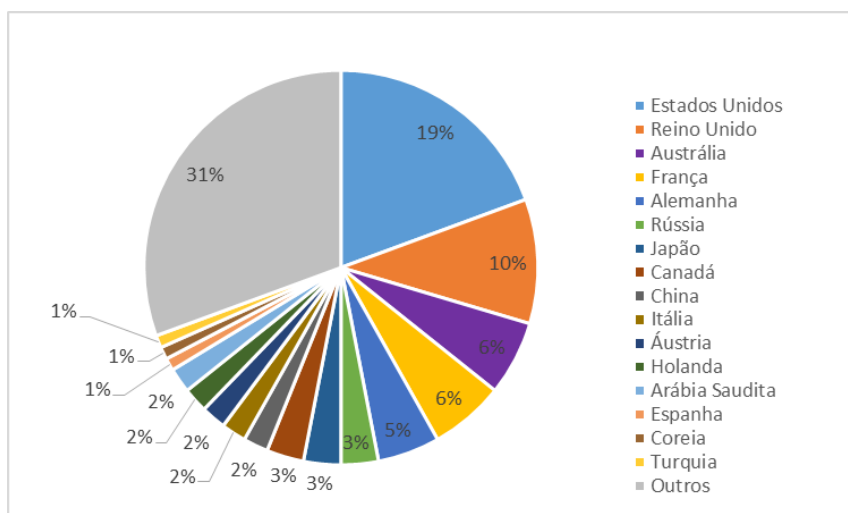
De acordo com o MEC (2015), no ano de 2015 foram ofertadas 101 mil vagas para estudantes de ensino superior no programa Ciência sem Fronteiras, sendo 75 mil bolsas financiadas pelo governo federal e 26 mil financiadas pela iniciativa privada. Os estudantes puderam escolher os seguintes países para realizar o intercâmbio como Estados Unidos, Reino Unido, Alemanha, Itália, Austrália, Canadá, Dinamarca, China, Holanda, Espanha, Índia, Irlanda, França, entre outros.

Apesar da grande visibilidade do programa Ciência sem Fronteiras, que é voltado somente para a área tecnológica e saúde, ainda não existe um programa de tanta notoriedade voltado para a área das ciências sociais. Porém segundo Tanoue e Morilas (2013), a partir de 2000, surgem várias iniciativas de internacionalização. No Brasil, também surgem novas políticas do governo. São parte dessas novas iniciativas as Bolsas Ibero-Americanas e Luso-Brasileiras do Banco Santander e Programa USP de Bolsas de Intercâmbio Internacional para preencher essas bolsas de Graduação que promovem a mobilidade acadêmica são escolhidos estudantes com desempenho acadêmico de destaque.

Referente aos intercambistas, segundo o Ministério do Turismo (2010), a maioria são estudantes universitários que possuem entre 18 e 25 anos. Richards e Wilson (2003) complementam que a maior parcela deles tem menos de 26 anos. Billaud (2007) complementa dizendo que ao examinar o público de estudantes de ensino superior em todos os países estudados o número de mulheres que realizavam intercâmbio superava o de homens.

Portanto ao escolher um local para realizar o programa de intercâmbio algumas nações são preferidas em relação a outras. A seguir são relacionadas algumas delas.

Gráfico 1 Principais nações receptoras no ano de 2013

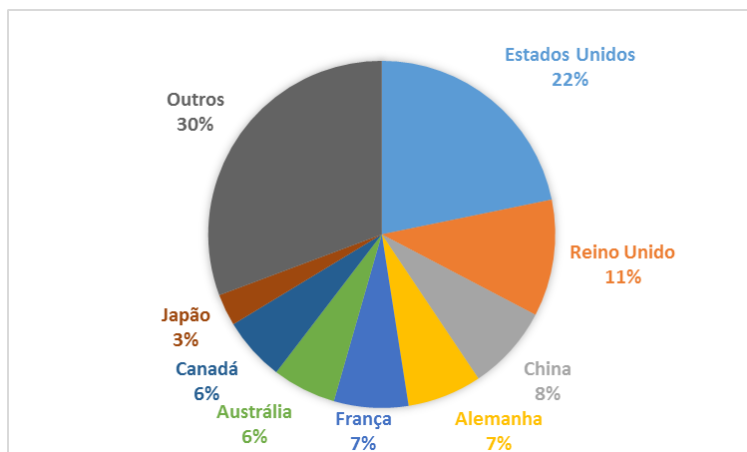


Fonte: Adaptado *Organization for Economic Cooperation and Development* (OCDE), 2016.

Na liderança de país receptor de estudantes de ensino superior estão os Estados Unidos representando 19%, em segundo lugar Reino Unido com 10%, seguido pela Austrália e França com 6% cada, após Alemanha com 5% cada uma, seguida pela Rússia, Japão e Canadá representado 3% cada, China, Itália, Áustria, Holanda e Arábia Saudita representam cada uma 2%, constituem 1% cada Espanha, Coreia e Turquia, todos os outros países representam 31%.

Assim como a *Organization for Economic Cooperation and Development* (OCDE), em seu relatório *Economic, Environmental and Social Statistics*, que cita o país de preferência para realização do intercâmbio no ano de 2013, temos o *International Institute of Education*, que disponibiliza números sobre o ano de 2014.

Gráfico 2 Principais destinos de estudantes de Ensino Superior no ano de 2014



Fonte: Adaptado *Atlas of Student Mobility, International Institute of Education* (IIE), 2015.

Segundo o IIE no ano de 2014, 4,5 milhões de estudantes de ensino superior estão fora de seu país de origem para realizar estudos. Entre os países que mais recebem estudantes internacionais estão Estado Unidos da América que continua na liderança com 22% dos estudantes, seguido pelo Reino Unido com 11%, China com 8%, Alemanha e França representam 7% cada uma, Austrália e Canadá 6% cada, Japão recebe 3%. Todos os demais países representam em conjunto 30%.

3 METODOLOGIA

A pesquisa realizada possui uma abordagem qualitativa que, para Godoy (1995), não enumera e/ou mede nos fatos estudados, nem são utilizadas ferramentas estatísticas para a análise dos dados. Para o autor, parte das questões ou áreas de interesses mais extensos são definidas conforme o desenvolvimento do estudo. Engloba a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos por meio do contato do pesquisador com a situação estudada, de maneira a compreender as situações de acordo com a perspectiva dos sujeitos, isto é, dos participantes do fenômeno em estudo.

Nas palavras de Silva e Menezes (2005), a pesquisa qualitativa considera a existência de uma relação dinâmica entre a realidade e o indivíduo, ou seja, existe algo inseparável entre o mundo real e a subjetividade do sujeito que não pode ser resumido em números. Desse modo a análise dos fenômenos e a conferência de significados são funções do processo de pesquisa qualitativa. Não é necessário o uso de métodos e técnicas estatísticas. Assim o ambiente natural é a fonte direta de coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. É uma pesquisa descritiva onde os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem. Logo, a população estudada tem uma relação indissociável da realidade que não pode ser mensurada numericamente, e não se fez preciso o uso de técnicas estatísticas.

A pesquisa caracteriza-se como pesquisa descritiva aplicada, que de acordo com Prodanov e Freitas (2013) ocorre quando o pesquisador só registra e relata os fatos averiguados sem que haja interferência sobre eles. Esse tipo de pesquisa tem por objetivo expor características de uma população, fenômeno ou relacionar variáveis, além de determinar a frequência que o fenômeno ocorre. Assim a pesquisa descritiva engloba técnicas padronizadas de coleta de dados. Sobre a pesquisa descritiva aplicada Gil (2012) ressalta que o objetivo primordial é a descrição das características de determinada população, fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis.

Dessa forma este estudo realizou o registro e relato de dados sem interferência sobre os mesmos, explicitando as especificidades da população definindo as características dessa e relação entre as variáveis utilizando técnicas de coleta de dados padronizadas.

No presente estudo a população consistiu em todos os estudantes de administração da Universidade Federal de Santa Catarina que realizaram intercâmbio acadêmico de janeiro de 2010 a dezembro de 2015, abrangendo um universo de 102 indivíduos. Assim se faz necessário realizar a seleção de forma não probabilística que de acordo com Silva e Menezes, (2005) é uma técnica onde não se realiza a seleção aleatória, e se acredita no julgamento do pesquisador.

Da população de estudantes de Administração da Universidade Federal de Santa Catarina que participaram de programas de intercâmbio acadêmico do ano de 2010 a 2015, foram selecionados 15 indivíduos graduandos e graduados do curso de Administração da Universidade Federal de Santa Catarina, pela técnica por julgamento ou intencional, e que os elementos são selecionados por meio do julgamento do pesquisador (MALHOTRA ET AL., 2005).

Como instrumento de coleta de dados foram utilizado questionários on-line, aplicados 15 vezes no primeiro semestre de 2016. A técnica de questionário é uma coleta de dados estruturada, composta por perguntas escritas que o entrevistado precisa responder, com finalidade de conseguir informações dos respondentes sobre do tema (MALHOTRA, 2006).

Também se recorreu a técnica de pesquisa documental que de acordo com Marconi e Lakatos (1996) é realizada somente com documentos, escritos ou não, que podem ser coletadas no momento em que o fenômeno acontece ou posteriormente. Podem ser feitas pesquisas em arquivos públicos, arquivos particulares e fontes estatísticas. Dentre os tipos de documento inclusos os escritos, abrangidos por documentos oficiais, publicações parlamentares, documentos jurídicos, fontes estatísticas, publicações administrativas,

documentos particulares e outros como iconográfica, fotografias, objetos e vestuários. Desse modo a técnica documental foi empregada na verificação da institucionalização da internacionalização da Universidade Federal de Santa Catarina, por meio do Plano de Desenvolvimento Institucional - PDI 2015-2019.

Na análise dos dados foi utilizado o método interpretativo de Triviños (1987). Esse método inicia com a pré-análise, orientado pelas referências teóricas e objetivos. Nessa parte se realiza a codificação, classificação e a categorização dos dados obtidos, reunindo as informações em busca de sínteses coincidentes e as divergências de ideias, ou de concepções “neutras”, ou seja, que não estão ligados especialmente a nenhuma teoria. Na interpretação referencial, foi realizada a conexão entre o material produzido na pré-análise e o referencial teórico. Realizou-se uma reflexão com embasamento nos materiais empíricos, demonstrando as relações entre um e outro, aprofundado análise sustentando em dados quantitativos e no referencial teórico.

4 RESULTADOS

A Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) foi fundada no ano de 1960, e fornece ensino de forma gratuita e pública. Possui sede principal em Florianópolis e outras 4 unidades distribuídas pelo estado de Santa Catarina. (UFSC, 2015a). A UFSC no vestibular do ano de 2015 ofertou 6511 vagas para seus 105 cursos de graduação (UFSC, 2015b); conta ainda com o Colégio de Aplicação (CA) e o Núcleo de Desenvolvimento Infantil (NDI) que fornecem ensino infantil ao médio (UFSC, 2015a). No ano de 2014 contava com 157 cursos de pós-graduação incluindo especialização, mestrado acadêmico, mestrado profissional, doutorado e pós-doutorado, com 16.325 alunos matriculados (UFSC, 2014a).

Desse modo a Universidade Federal de Santa Catarina em seu PDI 2015-2019 tem entre um de seus valores ser: “Internacionalizada - Uma instituição capaz de intensificar parcerias e convênios com instituições internacionais, contribuindo para o seu desenvolvimento, o do Brasil e o de outras nações.” (UFSC, 2014b, p. 23).

Assim, conforme o PDI 2015-2019, a UFSC conta com políticas de ensino voltadas para a internacionalização:

OBJETIVO 13 – AMPLIAR A INTERNACIONALIZAÇÃO DAS ATIVIDADES DA UFSC. Metas: • Incrementar ações e projetos de cooperação internacional; • Fomentar a cooperação institucional, interinstitucional, nacional e internacional em redes de pesquisa, principalmente as de alta complexidade; • Fomentar a participação de docentes, discentes e servidores técnico-administrativos em eventos científicos internacionais para apresentação de trabalhos; • Ampliar a publicação em revistas indexadas em bases de referência internacional; • Incentivar o intercâmbio internacional do corpo discente e programas de dupla titulação e de cotutela. (UFSC, 2014b, p. 43).

Dessa maneira a UFSC já iniciou a sua internacionalização e cita: “A internacionalização é uma realidade irreversível das universidades no mundo inteiro.” UFSC (2014b, p 106). Dentro do país a internacionalização será um critério que definirá a qualidade da graduação e da pós-graduação e também no aporte de verbas públicas, expansão e avaliação de cursos. A UFSC no quesito internacionalização desfruta de uma posição confortável em qualquer ranking nacional sobre o tema, sempre entre os dez primeiros lugares.

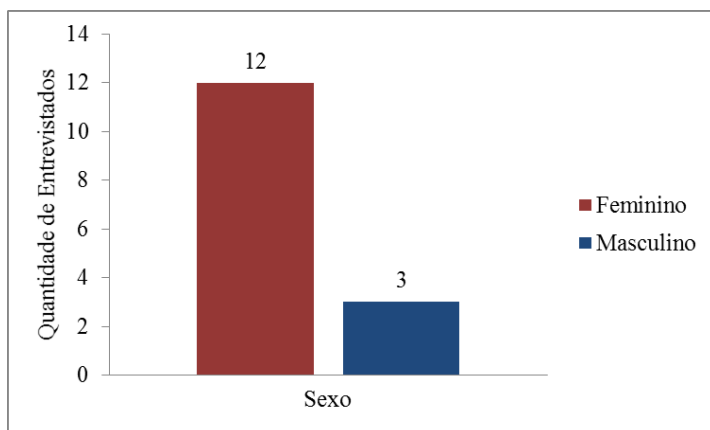
De acordo com o PDI UFSC 2015-2019 “Em torno de 2% dos estudantes da UFSC são internacionais, de intercâmbio temporário (graduação sanduíche) ou alunos convênios (PEC-G, PEC-PG, PAEC-GCUB), e 10% dos estudantes regulares da UFSC têm realizado

intercâmbio no exterior.” A UFSC tem como meta, ao final do atual quinquênio, ter no mínimo de 5% da população estudantil da graduação como internacionais e no mínimo 5% de seus alunos da graduação em intercâmbio, o que culmina com que 25% dos alunos terem experiência internacional (UFSC, 2014b).

A UFSC, segundo seu PDI 2015-2019, pretende continuar a sua internacionalização da seguinte maneira, levando em conta que nos últimos anos houve aumento nas relações internacionais da Universidade Federal de Santa Catarina, que diversos convênios foram realizados e que a quantidade de estudantes da UFSC em Universidades do exterior vem crescendo. Assim como se elevou-se o número de missões, intercâmbio ao nível de graduação e pós-graduação e também das cooperações conjuntas de pesquisa. Além de programas do Governo Federal, muitos professores, por meio de grupos de pesquisa, programas de pós-graduação tem auxiliado no aumento de iniciativas de internacionalização e até por meio de iniciativa individual dos estudantes que buscam essa experiência internacional. Na Universidade Federal de Santa Catarina, a SINTER (Secretaria de Relações Internacionais) disponibiliza várias informações em seu site. (UFSC, 2014b).

A seguir é apresentada a análise dos resultados obtidos por meio das entrevistas realizadas pela pesquisadora.

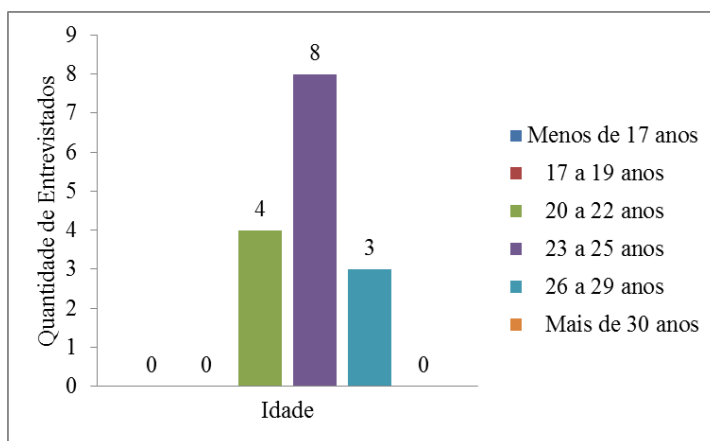
Gráfico 3 Gênero



Fonte: Elaborado pelos autores.

Analisando os dados pode-se verificar que as mulheres são a maioria dos respondentes, sendo 12 de um total de 15.

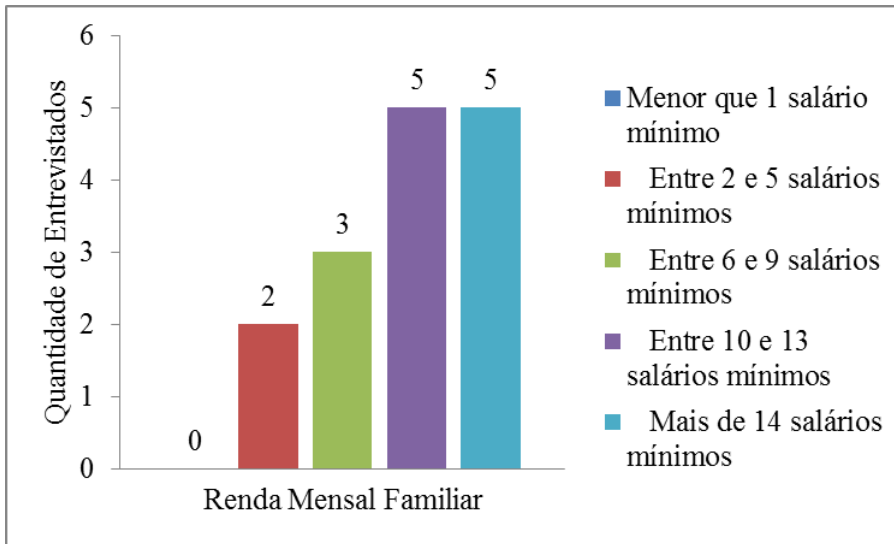
Gráfico 4 Idade



Fonte: Elaborado pelos autores.

Os dados analisados revelam que mais da metade dos entrevistados possuem entre 23 e 25 anos, quatro respondentes tem entre 20 e 22 anos e três deles têm entre 26 e 29 anos. Estes dados podem ser confirmados com a pesquisa do Ministério do Turismo (2010), que diz que os intercambistas são estudantes universitários os quais têm entre 18 e 25 anos e por meio da fala de Richards e Wilson (2003) a maioria dos estudantes de mobilidade acadêmica de ensino superior tem abaixo de 26 anos.

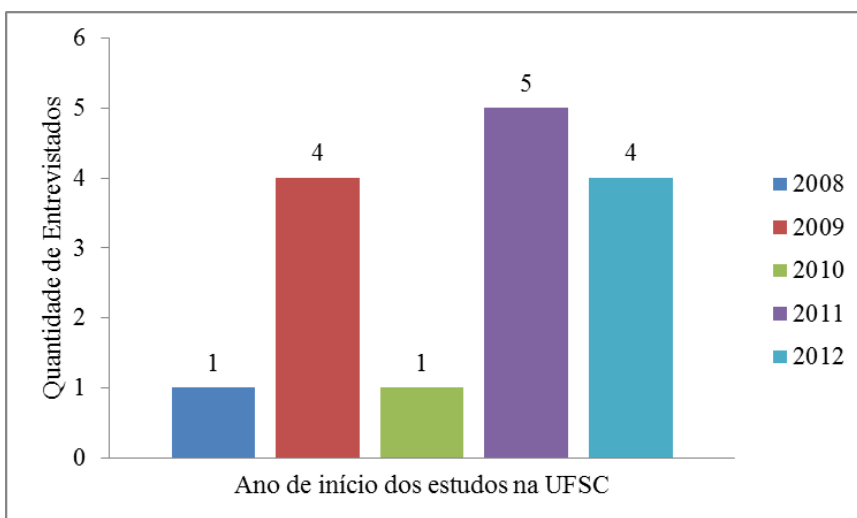
Gráfico 5 Renda mensal familiar



Fonte: Elaborado pelos autores.

Analisando o gráfico conclui-se que 5 estudantes têm renda mensal familiar entre 10 e 13 salários mínimos, outros 5 têm renda mensal maior que 14 salários mínimos, 2 estudantes têm salário entre 2 e 5 salários e outros 3 ganham entre 6 e 9 salários mínimos.

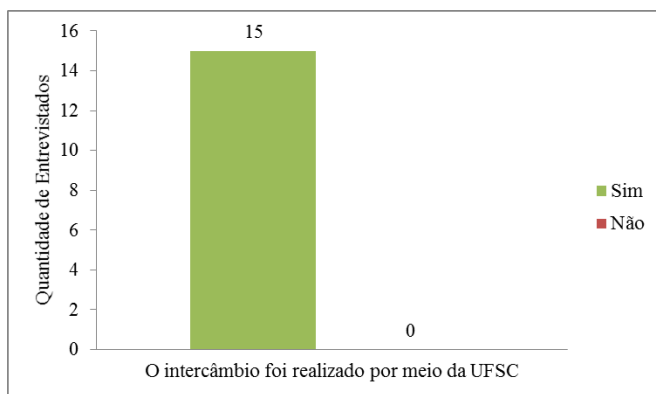
Gráfico 6 Ano de início dos estudos na UFSC



Fonte: Elaborado pelos autores.

Com a análise do gráfico nota-se que a maioria dos estudantes, 5, iniciaram o estudo no ano de 2011, 4 estudantes entrevistados iniciaram o estudo no ano de 2009, outros 4 no ano de 2012, 1 iniciou no ano de 2008, e 1 entrevistado iniciou na UFSC no ano de 2010.

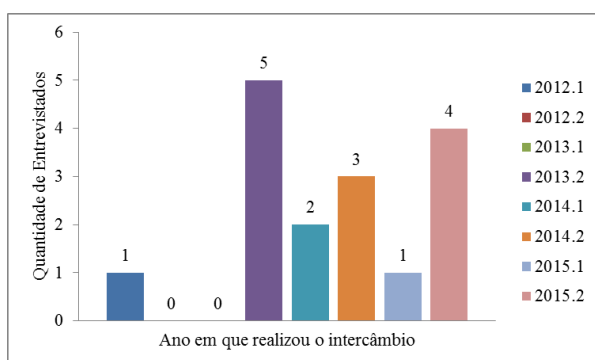
Gráfico 7 O intercâmbio foi realizado por meio da UFSC



Fonte: Elaborado pelos autores.

Pode-se verificar que todos os respondentes estão dentro da amostra definida; portanto, todas as entrevistas realizadas foram utilizadas para elaboração dos dados e análise dos mesmos. Assim todos os estudantes realizaram intercâmbio, mas continuaram com o vínculo estudantil com a Universidade Federal de Santa Catarina.

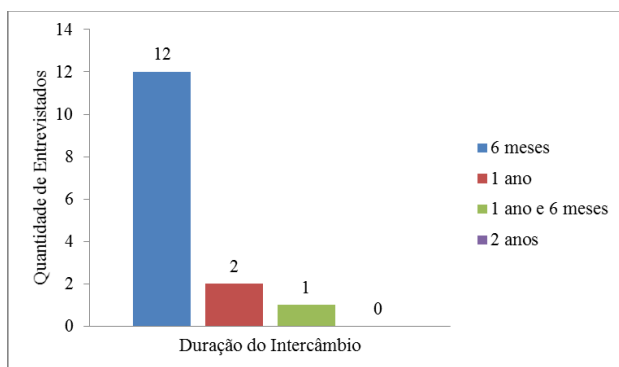
Gráfico 8 Ano em que realizou o intercâmbio



Fonte: Elaborado pelos autores.

Observando o gráfico verifica-se que o ano de maior concentração de realização de intercâmbio entre os entrevistados é o de 2013, segundo semestre, seguido pelo ano de 2015 segundo semestre. Depois o ano de 2014 segundo semestre, após o primeiro semestre, e empatados em números 2012 e 2014 primeiro semestre. Pode verificar que os estudantes entrevistados têm preferência em realização do programa no segundo semestre do ano.

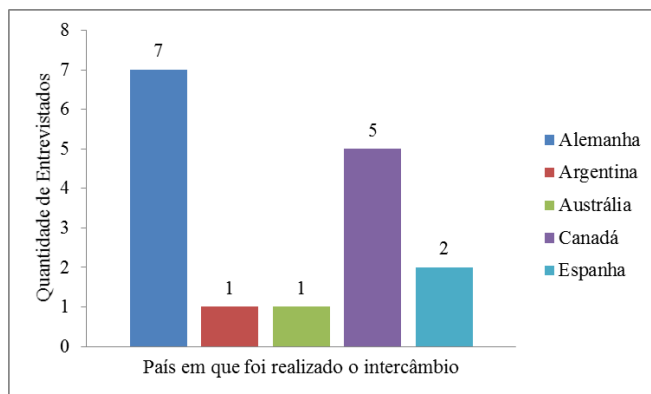
Gráfico 9 Duração do intercâmbio



Fonte: Elaborado pelos autores.

A maioria dos entrevistados, doze, realizou programa de intercâmbio com duração de 6 meses, 2 entrevistados realizaram intercâmbio com duração de 1 ano, e 1 com duração de 1 ano e 6 meses.

Gráfico 10 País em que foi realizado o intercâmbio



Fonte: Elaborado pelos autores.

Dos entrevistados, 7 realizaram intercâmbio para Alemanha, 5 deles para o Canadá, 2 para a Espanha, 1 para a Austrália e 1 para Argentina, o que compactua com os pesquisadores da área. De acordo com a *Organization for Economic Cooperation and Development* (2016), a Alemanha detém 6% dos estudantes de intercâmbio, o Canadá como receptor de intercambista representa 3% do total de estudantes, a Espanha representa 1% da estatística de quem realiza o programa. Já a Argentina enquadra-se nos 31% que representam todos os outros países.

O *Atlas of Student Mobility* do *International Institute of Education* (2015), afirma que a Alemanha no ano de 2014 recebia 7% dos estudantes de intercâmbio; enquanto Canadá representava 6% nas estatísticas. Quanto ao restante dos países, se enquadram nos 30% dos intercambistas.

5 CONCLUSÕES

O artigo pretendeu identificar a institucionalização da internacionalização na UFSC, o perfil dos estudantes intercambistas e as características do intercâmbio realizado. Sobre a identificação da institucionalização da internacionalização na Universidade Federal de Santa Catarina, concluiu-se que a mesma é existente e está especificada no PDI 2015-2019, em que são definidos alguns objetivos e metas a serem alcançados com a internacionalização. Dessa forma, a internacionalização já foi iniciada na UFSC, que pretende ampliar suas ações por meio de incrementos e projetos de cooperação internacional, além de incentivar a participação de docentes, estudantes e técnicos administrativos em eventos internacionais. A publicação de trabalhos em periódicos internacionais também é uma das metas pretendidas.

Dentre os convênios destaques realizados pela UFSC estão o PEC-G, o PEC-PG e o PAEC-GCUB, que tem oportunizado aos estudantes da UFSC realizarem intercâmbio no exterior.

O artigo pretendeu conhecer o perfil dos estudantes e características do intercâmbio realizado, sendo que a maioria dos respondentes foi do gênero feminino e com idade até 25 anos. Em relação à renda, concluiu-se que um terço dos respondentes possui renda mensal familiar menor que 1 salário mínimo, e outros um terço com renda entre 10 e 13 salários mínimos. Os outros, um terço, enquadram-se na renda entre 2 e 9 salários mínimos.

Verificou-se também que dos respondentes, 60% iniciaram seus estudos na UFSC após 2011, sendo que 100% dos respondentes somente realizaram o intercâmbio por intermédio da Universidade. Constatou-se também que mais de 93% realizou o intercâmbio a partir do segundo semestre de 2013, sendo que 80% realizam o intercâmbio com duração de 6 meses.

Os países Alemanha e Canadá representaram 80% dos destinos dos estudantes da UFSC intercambistas que responderam ao questionário da pesquisa, sendo que apenas 6% escolheram a Argentina e Austrália, e 13% preferiram a Espanha.

REFERÊNCIAS

ALTBACH, Philip G.; KNIGHT, Jane. The internationalization of higher education: Motivations and realities. **Journal of studies in international education**, v. 11, n. 3-4, p. 290-305, 2007. Disponível em: <http://www.uni-kassel.de/wz1/mahe/course/module6_3/01_altbach07.pdf>. Acesso em: 1 nov. 2015.

BILLAUD, Sandrine. Mises au point sur les mobilités européennes. IN: DE FRED; Suomela Salmi, Eija (orgs.) **Mobilité académique: perspectives croisées**. Turku: Université de Turku/Département d'Études Françaises, 2007.

CASTRO, Alda Araújo; CABRAL NETO, Antônio. O ensino superior: a mobilidade estudantil como estratégia de internacionalização na América Latina. **Revista Lusófona de Educação**, n. 21, p. 69-96, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?pid=S1645-72502012000200005&script=sci_arttext&tlng=es>. Acesso em: 22 out. 2015.

DALMOLIN, Indira Sartori et al. Intercâmbio acadêmico cultural internacional: uma experiência de crescimento pessoal e científico. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 66, n. 3, p. 442, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v66n3/a21v66n3.pdf>>. Acesso em: 31 mai 2016.

DOS SANTOS SILVA, Claudia Cristiane; LIMA, Manolita Correia; RIEGEL, Viviane. Os fatores de motivação na definição de estudantes estrangeiros em mobilidade acadêmica internacional no Brasil. **Revista Gestão Universitária na América Latina-GUAL**, v. 6, n. 3, p. 232-251, 2013. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5007/1983-4535.2013v6n3p232>>. Acesso em: 23 out. 2015.

FILIPPETTI, Aurélie. **Action extérieure de l'État rayonnement culturel et scientifique**. Paris: Assemblée Nationale, 2007. Disponível em: <<https://www.senat.fr/rap/a05-102-2/a05-102-20.html>>. Acesso em: 15 set. 2015.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

GODOY, Arlida Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de administração de empresas**, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n2/a08v35n2.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2015.

HOLM-NIELSEN, L. B., et al. Regional and International Challenges to higher education in latin américa. IN: DE WITT, Hans. **Internationalization of higher education in the United States of America and Europe**. [S.l.] IAP, 2009. Disponível em: <<http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.453.289&rep=rep1&type=pdf#page=69>>. Acesso em: 15 set. 2015.

INTERNATIONAL INSTITUTE OF EDUCATION, PROJECT ATLAS. **Open Doors 2015**. 2015. Disponível em: <<http://www.iie.org/~media/Files/Services/Website-2015/Project-Atlas-Infographic-2015.pdf?la=en>>. Acesso em: 31 mai. 2016.

KNIGHT, Jane. An internationalization model: responding to new realities and challenges IN: DE WIT, Hans. **Higher education in Latin America: The international dimension**. World Bank Publications, 2005. Disponível em: <https://histpol.usp.ac.fj/worldbank2009/frame/Documents/Publications_regional/Higher_Ed_in_LAC_Intnal_Dimension.pdf#page=31>. Acesso em: 15 set. 2015.

KNIGHT, Jane. Internationalisation of higher education: a conceptual framework. IN: Knight, J.; Wit, H. **Internationalisation of Higher Education in Asia Pacific Countries**. v. 14, p. 249-259, 1997. Disponível em: <<http://site.valenciacollege.edu/inz/library/Comprehensive%20INZ/Internationalisation%20of%20Higher%20Education%20in%20Asia%20Pacific%20Countries%20-%20Chapter%201.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2015.

LAUS, Sonia Pereira; MOROSINI, Marilia Costa. Internationalization of Higher Education in Brazil IN: DE WIT, Hans. **Higher education in Latin America: The international dimension**. Washington: World Bank Publications, 2005. Disponível em: <https://histpol.usp.ac.fj/worldbank2009/frame/Documents/Publications_regional/Higher_Ed_in_LAC_Intnal_Dimension.pdf#page=31>. Acesso em: 15 set. 2015.

LIMA, M. C.; MARANHÃO, C. M. do S. de A. O sistema de educação superior mundial: entre a internacionalização ativa e passiva. **Revista Avaliação**, vol. 14, n 3, p. 583-610, 2009.

LUNA, José M. F. De.. **Internacionalização universitária**. 2000. Monografia (Especialização) - Curso de Administração Universitária, Universidade Católica de Goiás, Goiás, 2000.

MALHOTRA, Naresh et al.,. **Introdução a Pesquisa de Marketing**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005.

MALHOTRA, Naresh. **Pesquisa de Marketing: uma orientação aplicada**. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2006. 720 p. Tradução: Laura Bocco.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 1996, c1985. 231p.

MEC. **O que é?** 2015. Disponível em: <<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/o-programa;jsessionid=B961923C92C5507A15619F14C829E214>>. Acesso em: 21 out. 2015.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Turismo de Estudos e Intercâmbio: orientações básicas**. 2.ed. Brasília: Ministério do Turismo, 2010. 72 p. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Turismo_de_Estudos_e_Intercxmbio_Versxo_Final_IMPRESSxO_.pdf>. Acesso em: 31 maio 2016.

NEVES, Antonio Maurício Castanheira das; NORTE, Angela Lopes. **Internacionalização e Mobilidade Acadêmica: Princípios e Ações para o Sucesso de uma Parceria de Intercâmbio Acadêmico**. 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/36937/Internacionaliza%C3%A7%C3%A3o%20e%20mobilidade%20acad%C3%AAmica%20Princ%C3%ADpios%20e%20a%C3%A7%C3%B5es%20para%20o%20sucesso%20de%20uma%20parceria%20de%20i.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 2 nov. 2015.

OCDE. **Education at a glance 2010: OECD Indicators**. Paris: OECD, 2010.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RICHARDS, Greg; WILSON, Julie. **New horizons in independent youth and student travel: A report to the international student travel confederation (ISTC) and the association of tourism and leisure education (ATLAS)**. Amsterdam: International Student Travel Confederation, 2003. Disponível em: <http://www.atlas-euro.org/pages/pdf/FINAL_Full_Report.pdf>. Acesso em: 31 mai. 2016.

SIEBIGER, Ralf Hermes. **O Processo de Bolonha e a Universidade Brasileira: Aproximações a Partir da Análise de Documentos Referenciais**. 2013. 233 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Grandedourados. Dourados, 2013. Disponível em:<https://www.academia.edu/4713354/O_processo_de_Bolonha_e_a_universidade_brasileira_aproximações_a_partir_da_análise_de_documentos_referenciais>. Acesso em: 01 nov. 2015.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. rev. atual. Florianópolis: UFSC, 2005. 138p.

SOUTO, Álvaro José de; REINERT, José Nilson. **Cooperação Internacional Interuniversitária: O Caso da UFSC**. Florianópolis: UFSC, 2004.

STALLIVIERI, Luciane. **Estratégias de internacionalização da Universidades brasileiras**. Caxias do Sul: Edusc, 2004. 143 p.

STALLIVIERI, Luciane. O processo de internacionalização nas instituições de ensino superior. **Educação Brasileira: Revista do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras**. v. 24, n. 48, p. 35-57, 2002. Disponível em: <http://www.ucs.br/site/midia/arquivos/processo_internacionalizacao.pdf>. Acesso em: 22 out. 2015.

TANOUE, A. D.; MORILAS, L. R. A internacionalização do ensino superior no Brasil: um estudo de caso das políticas da Universidade de São Paulo. IN: **III Fórum da Gestão do Ensino Superior nos Países de Língua Portuguesa**. 2013. Disponível em: <http://aforges.org/conferencia3/docs_documentos/SESSOES%20PARALELAS/2_Cooperacao%20Universitaria%20entre%20os%20Países%20e%20Regioes%20de%20Lingua%20Portuguesa/A%20Tanoue_A%20internacionalizacao%20do%20ensino.pdf>. Acesso em: 28 Jul. 2015.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987. 175 p.

UFSC, COPERVE. **Relatório oficial do vestibular 2015**. Florianópolis: UFSC, 2015b. Disponível em:< <http://dados.coperve.ufsc.br/vestibular2015/relatorioOficial/vestcur12.pdf>> . Acesso em: 21 mar. 2016.

UFSC, Universidade Federal de Santa Catarina. **Plano de Desenvolvimento Institucional 2015 – 2019**. Florianópolis: UFSC, 2014b. Disponível em: <<http://pdi.ufsc.br/pdi-2015-2019/>>. Acesso em: 29 out. 2015.

UFSC, Universidade Federal de Santa Catarina. **Relatório de Gestão 2015**. Florianópolis: UFSC, 2015a. Disponível em: < <http://dpgi.proplan.ufsc.br/files/2016/04/Relat%C3%B3rio-de-Gest%C3%A3o-2015.pdf>>. Acesso em: 20 mar 2016.

UFSC, Universidade Federal de Santa Catarina. **UFSC EM NÚMEROS - 2005 A 2014**. Florianópolis: UFSC, 2014a. Disponível em: <<http://dpgi.proplan.ufsc.br/files/2013/12/UFSC-EM-NUMEROS-2005-A-20148.pdf>>. Acesso em: 16 mar. 2016.

UNESCO. Conferência Mundial Sobre o Ensino Superior. **Tendências de Educação Superior para o século XXI**, Paris: Unesco/Crub, 1998.

UNESCO. **Recueil des données mondiales sur l'éducation: statistiques comparées sur l'éducation dans le monde**, Montreal: Unesco, 2008.

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ. **Programa Ciência sem Fronteiras oferece formação no exterior a 75 mil estudantes**. 2012. Disponível em: <<http://www.utfpr.edu.br/franciscobeltrao/estrutura-universitaria/diretorias/dirppg/noticias/programa-oferece-formacao-no-externo-a-75-mil-estudantes>>. Acesso em: 22 out. 2015.